



manifesto por cidades para pessoas a pé

UM DOCUMENTO EM DEFESA DO CAMINHAR NAS CIDADES
AGO/2020

COMO ANDA

Manifesto por Cidades para Pessoas a Pé



Mais do que nunca, é preciso defender cidades melhores para as pessoas que se deslocam e usufruem das cidades a pé. Caminhar é poético, é instrumental, é um ato essencial. É a forma de deslocamento mais antiga, natural e inerente aos seres humanos. Assim se deslocam pedestres: com o próprio corpo. Usando seus próprios pés e, quando necessário, bengala, muleta, cadeira de rodas, carrinho de bebê ou qualquer outro dispositivo para acompanhar esse movimento.

Caminhar conecta pessoas e lugares, sensações e sentimentos, e é o meio de transporte mais inclusivo, saudável, econômico, não poluente e com menor impacto ambiental. Caminhar é sustentável! Com base na pesquisa de 2017 da Associação Nacional de Transportes Públicos, estima-se que 40% dos brasileiros se deslocam exclusivamente a pé. Se incluídos os 28% dos deslocamentos diários em transporte coletivo — que sempre possuem um trecho também a pé no início e/ou final do deslocamento —, os deslocamentos a pé chegam a 68% do total. Isso significa que somos aproximadamente 130 milhões de pedestres nos movimentando pelas ruas do Brasil, todos os dias.

Mesmo que o arcabouço legal brasileiro evidencie a prioridade aos pedestres e a necessidade de planejamento da rede de mobilidade a pé, ainda são tímidos os avanços contabilizados diante do quadro de mudanças necessárias, que precisam ser enfrentadas.

Atualmente no Brasil, a presença de calçadas no entorno de domicílios é de apenas 69% — e ínfimos 4,7% das calçadas do país são acessíveis (IBGE, 2010); em 2018 o número de pessoas que morreram em decorrência de colisões foi de 30 mil, sendo 6 mil pedestres (Ministério da Saúde, 2018); O tempo semaforístico nacional (Travessia Cilada, 2019) apresenta em média: 6 segundos de verde e 1 minuto e 50 segundos de espera para pedestres; 80% dos investimentos com deslocamento no Brasil vão para o transporte individual motorizado (ANTP, 2014), resultando em números alarmantes na inatividade física e da saúde da população brasileira, visto à exposição a poluição do trânsito - um dos principais fatores a problemas cardiorrespiratórios, e o dado de sedentarismo no Brasil que segundo estudo da OMS (2018) chega a 47% da população adulta brasileira. A inatividade física é, também, problema de saúde pública global, responsável por mais de 3 milhões de mortes por ano, e estima-se que 1/3 da população do planeta, acima de 15 anos, não cumpra a recomendação da Organização Mundial de Saúde (fazer pelo menos 150 minutos de atividade física por semana).

O ato de caminhar também pode revelar as dificuldades de inclusão por dificuldade de acessibilidade, por idade, renda,

desigualdade social e reforçar o racismo e a violência de gênero. Ao caminhar na cidade, as mulheres expõem suas vulnerabilidades por estarem mais expostas ao assédio e/ou violência, crianças e idosos se expõem por não terem espaços mais seguros.

O caminhar na cidade implica em diferentes trajetos dispostos no espaço e na estrutura social. Negros e pessoas em situação de vulnerabilidade caminham de e para lugares social e economicamente distintos. Pessoas com deficiência, que somavam já em 2010, segundo IBGE, aproximadamente 25% da população brasileira, realizam jornadas pavorosas, desbravando calçadas mal construídas, obstáculos e faixas de pedestres invisíveis aos carros. Nessa malha de trajetos, de corpos que se entrelaçam na cidade, o andar a pé é um ato de resistência e luta, quando na verdade deveria ser usufruído como um direito e percebido como uma experiência prazerosa, saudável e democrática.

A cidade que temos limita nosso caminhar, restringe o nosso direito de experimentar o espaço a nossa volta. A cidade que queremos deve ser construída também por ele. E não há melhor momento que esse para que, apropriando-nos das palavras de Antonio Machado, poeta espanhol: “Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar”, que andemos em direção às mudanças que são, muitas vezes negligenciadas e escancaradamente, necessárias.

Defendemos um modelo de cidade que deve ser colocado em prática já. Se antes ele já era urgente, com a pandemia da Covid-19 ele se torna inadiável. Acreditamos que existe uma janela de oportunidade para implementar as mudanças tão necessárias pelas quais já vínhamos lutando, aproveitando os esforços que estão sendo e serão colocados em prática para prevenir e mitigar futuros surtos. Fica mais latente e pujante repensar o ambiente construído e investir em novas políticas e infraestruturas que possam enfrentar várias agendas e crises prementes. Com ambiente acessível ao deslocamento a pé é possível que as circulações de todas as pessoas sejam preservadas de forma autônoma e segura, independentemente de suas características individuais. A cidade acessível aos deslocamentos a pé permite que pessoas saiam às ruas, frequentem os espaços públicos, trabalhem e realizem suas atividades do cotidiano. Em momentos de fragilidade como esse da pandemia da Covid-19 devem ser tomadas medidas de segurança, mas a cidade acessível não perderá sua vitalidade. Pelo contrário, ampliará a quantidade de pessoas circulando e se conectando, pois será mais inclusiva a um público que mesmo sem pandemia vivia isolado e era marginalizado.

assim nós, DEFENSORAS e DEFENSORES DE CIDADES PLANEJADAS, CONSTRUÍDAS e CUIDADAS Para - e POR - PESSOAS a PÉ acreditamos que:

- ▶ Nosso compromisso é (re)construir as cidades como lugar das relações humanas e solidárias e, nesse processo, atuar técnica e politicamente por cidades mais justas, diversas e inclusivas. Devemos transformar/criar cidades e projetos que priorizem a mobilidade a pé, garantindo justiça, equidade e inclusão. Para isso, é preciso romper com práticas e processos que omitem ou negligenciam pessoas que se deslocam a pé;
- ▶ Devemos adotar um novo paradigma para a organização territorial a fim de privilegiar a escala e as relações humanas. As ruas devem ser acessíveis, seguras, confortáveis e atraentes para todas as pessoas, em todos os momentos. O modelo rodoviário é incompatível com essa diretriz. Devemos abandonar seu protagonismo nas políticas públicas e toda e qualquer lógica de configuração socioespacial que privilegia o individualismo e o transporte motorizado;
- ▶ Todas pessoas devem ter oportunidades de participar do planejamento das cidades. É fundamental que gestores coloquem a vida das pessoas, a partir da diversidade, no centro das decisões políticas. Para isso, profissionais envolvidos no projeto e gestão de cidades devem atuar de forma interprofissional e multidisciplinar, dialogando com profissionais de distintas áreas. É imprescindível engajar diferentes atores durante as etapas de planejamento, implementação, monitoramento, avaliação e gestão de programas, projetos e políticas, garantindo espaços de escuta e debate para acolhimento de diversos, e muitas vezes controversos, pontos de vista sobre as questões em pauta;
- ▶ Governantes têm que se responsabilizar pelas tomadas de decisão que ajudem a construir um futuro sustentável, saudável, seguro e inclusivo. As políticas públicas de mobilidade devem priorizar pessoas vulneráveis e minorias silenciosas e suas interseccionalidades (pretos, pobres, mulheres, pessoas com deficiência, crianças, idosos). Em todas as escalas, governos devem prever investimentos em melhorias de toda a rede de mobilidade a pé e em programas que valorizem e incentivem a cultura pedestre;
- ▶ Precisamos de mais dados oficiais sobre o perfil de pedestres, qualidade da infraestrutura existente e deslocamentos a pé nas cidades brasileiras. As informações coletadas devem evidenciar aspectos como segurança, conforto, acessibilidade e atratividade

desses espaços para a mobilidade a pé, levando-se também em conta a experiência dos usuários. É imperativo que sejam colocados esforços na coleta, sistematização e disponibilização de dados sobre o caminhar nas cidades brasileiras para embasar ações, tanto de agentes públicos quanto da própria sociedade civil. Durante esse processo, deve-se priorizar cruzamentos de dados, visando atuações interprofissionais, intersetoriais e intersecretariais dentro dos governos, dado que a pauta da mobilidade a pé é transversal a tantas outras, demandando uma visão e ação interprofissional e multidisciplinar;

- ▶ É importante a construção de cidades que prevêem ambientes urbanos para o brincar e garantam o desenvolvimento seguro das crianças, e o compromisso da criação de políticas públicas que garantam a educação, voz e participação das mesmas no planejamento urbano e decisões do território escolar. Territórios urbanos educativos colaboram no desenvolvimento e crescimento da criança, estimulam a sua atenção e senso de pertencimento do espaço. Permitem que ela se reconheça e compartilhe suas necessidades e potenciais para a construção da cidade, mas, principalmente, criam uma oportunidade de diálogo sobre a pauta, dentro e fora da escola;
- ▶ A Universidade deve articular atividades de ensino e pesquisa voltadas ao tema. É necessário inserir e/ou valorizar a pauta da mobilidade ativa e coletiva em cursos de graduação, pós-graduação e extensão e oferecer instrumentalização adequada para futuras e futuros profissionais. Acreditamos que as universidades devem participar ativamente da formulação de projetos e políticas públicas voltadas para a mobilidade sustentável, em especial para o transporte a pé, colaborando na construção coletiva de conhecimento.
- ▶ É papel das organizações da sociedade civil provocar a reflexão sobre novas atitudes frente às ruas e ao espaço público e à sua ocupação pelas pessoas. Devemos comunicar novos modelos de cidade e apropriação de espaço urbano pelos cidadãos e facilitar processos colaborativos de prototipagem e transformação de ruas e espaços públicos junto aos governos, comunidades, universidade, e empresas.



Adriana Maria Leite Mendes - DESTRA
Alberto Candido
Alex Florindo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP) e GEPAF-USP
Alex Franulovic - FlixBus
Alexsandra Bertoli - Grupo Z de Teatro
Ana Carolina Nunes - Cidadeapé
Ana Luiza Carboni - UCB - União de Ciclistas do Brasil e Bike Anjo
Andréa Schilling
Angela Knijnik - Corrida Amiga
Aramis Gomes - UFABC
Aretha Rocha - Corrida Amiga
Arthur Gonçalves Santana - Corrida Amiga
Augusto Oliveira Aro de Freitas
Braulio Lima - Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Bruno Nascimento - BrCidades Núcleo SP
Carolina Gigeck Silva - Corrida Amiga
Cidade Ativa
Clara Luiza Miranda - UFES BrCidades
Cristiane Siqueira de Almeida - EEFE-USP
Cristina Grilo
Daiany Saldanha - Instituto Esporte Mais
Daniella do Amaral Mello Bonatto - BR Cidades-ES
Danillo Regis
Debora Augustinho
Débora Brand - Universidade de Caxias do Sul - UCS
Douglas Higa
Douglas Roque Andrade - GEPAF - EACH - USP
Edi Martins
Edilene Silva
Edson Chagas - Edson Chagas
Elayne Oliveira
Elizabeth Guimaraes - GEPAF - EACH/USP
Emanuel Pontes Meirelles - Coletivo Popular Direito à Cidade
Enio Silva - Movimento Metrô Brasilândia Já
Erica Telles - Mobicidade Salvador
Érika do Amaral Mello Bonato
Estúdio+1
Fábio Mariz Gonçalves - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAUUSP
Fátima De Castro Souza
Fátima Totti - Cidadeiras
Felipe Mello - Canto Cidadão
Felipe Stracci
Fernanda Rubio - Escola Comunitária - Integração Escola e Comunidade

Fernando Garbini Cespedes
Fernando Tajima
Flávia Fernandes Carvalho
Flavio Figueiredo
Francesco Carraro
Francisco Cunha - Caminhadas Domingueiras Olhe Pelo Recife
Gabriel Wasil Jaciuk Raio
Gabriela Kimura
Gilberto de Carvalho - CTMP e Cidadeapé
Glauca Pereira - Multiplicidade Mobilidade Urbana
Graziela Zanchetta Mingati
Hannah Arcuschin Machado
Heloisa Escudeiro
Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo (IAB-SP)
Isabela Viegas
Ivan Ravena Pinheiro Ribeiro
Jader Silva de Melo Alves
Joana Monnerat de Oliveira
João Pedro Rocha - O futuro que queremos
Joaquim Eduardo Teixeira
Jocemara Martins
Juliana Damas de Carvalho e Silva
Karina Beraldo
Kericles Silva
Laura Scaciota
Laura Sobral - A Cidade Precisa de Você
Leandro Garcia - Queen's University Belfast, Centre for Public Health
Leonardo Querente
Leonardo Querente
Lucas Nassar - Lab da Cidade
Luciano Pedro da Silva Junior
Luiz Wilson Pina
Luka Freitas - Coletivo Mobicicleta
Marcelo Amaral - Nossa BH
Marcelo Semiatzh - Clinica de Força Dinâmica
Márcio Erlich
Marcos Vinicius Moura e Silva - Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte (PRODHE)
Margarethe Knebel - Universidade de São Paulo (USP)
Maria Cristina Scorza - Corrida Amiga
Mariana Licéia - Projeto Proteger
Marília Hildebrand - Mobilize Brasil
Marina Brandão
Marina Pereira
Mario Cesar Silva
Matheus dos Santos

Maurício Rissi
Mauro Calliari
Maykell Araújo Carvalho - Prodhe/CEPEUSP (Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte do Centro de Práticas Esportivas da USP)
Meli Malatesta - Pé de Igualdade
Melissa Yasmin Alves Tarrão
Metrópole 1:1
Mity Hori Kato - Corrida Amiga
Monize Miyazaki
Natalia Maracarozi Cristofani - NA
Nayanne Guerra Castro
Nelson Freire - Associação Galeria de Herois
Nilto Ignácio Tatto - Camara Federal
Olavo de Almeida Soares - Grande Conselho Municipal do Idoso ONG SampaPé!
Paola Bernardi - Caraminhola - (re)projeto de escola
Patrícia Nelly Menezes
Paulo Pereira da Silva - Polo Planejamento
Pedro Dias Garcia - Bici Nos Planos CG
Rachel Maciel - Unigranrio
Rafael Aquino - Move Cultura
Rafael Costa - Spurbanismo
Ramiro Levy - Cidade Ativa
Rapahael Andrade
Raquel Felix - Governo do Estado do Rio de Janeiro
Regina Matos
Reinaldo Pacheco - EACH USP LESTE
Renata França
Renatha Morés - A Pezito
Risolene Souza Silva - Cppt
Roberta Cibin
Rodrigo Pardo - Cidadeapé
Roger Mariani
Rosemeiry Leite
Sâmia Carolina Lima Scaranto
Silvia Faria Veiga
Silvia Stuchi - Corrida Amiga
Sirlene Almeida - Cuidar de Contagem
Stael Magesck Serra - Stael Magesck Centro Artístico - SMCA
Tatiana Borim De Simone
Tatiane Oliveira Teles - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)
Thatiana Murillo - Caminha Rio
Thereza Azzuz
Tiago Nunes de Sousa - Não possui

Toni Zagato - Pré-candidato a Vereador/PSOL / Arquiteto e Urbanista na UPPH-Condephaat

Valmir de Souza - Instituto Biomob

Vinícius Lamego de Paula - BrCidades GV

Viviane Pagnussat Cechetti

Walter Oliveira - WAOJ

Wans Spiess - CalçadaSP e Cidadeapé

Wedder Reis

Yara M Carvalho - Universidade de São Paulo USP

Realização:



Apoio:

